Posfácio ao livro

***A Sereia Mánina e os seus sapatos vermelhos***

Não é seguramente por acaso que ***A Sereia Mánina e os seus sapatos vermelhos*** assume o formato de áudio-livro, estórias contadas, apelando ao ouvido, numa narrativa que convida a fechar os olhos e a navegar, leve e livre no mundo fantástico de Celina Pereira.

Dá muito prazer ouvir Celina Pereira, neste último trabalho***,*** pela narrativa em si, mas também como Celina deixa escorrer as palavras, pelo tom, ritmo, pela plasticidade das inflexões de voz, e pelo ambiente que transparece, cativa e envolve, transportando o ouvinte para o centro da narrativa, passando o ouvinte a ver, cheirar e sentir o curso dos acontecimentos.

Uma cantora, que também é contadora de estórias, não conseguiu resistir à tentação de se fazer ouvir, em vez de se ler - formato a que quase fatalmente um escritor se vincularia. A voz da cantora que existe em Celina Pereira se sobrepôs na forma como as estórias são contadas, dando corpo e dimensão às narrativas e criando um ambiente de muita musicalidade, revelando a sua elevada técnica de colocação de voz, de se exprimir e de se fazer ouvir. Navega nestas águas com muita naturalidade e sente-se no ambiente que consegue criar com as suas narrativas.

Como educadora, a sua preocupação com a inclusão e integração dos mais jovens e dos portadores de deficiência está bem patente, tornando-se o objecto deste seu áudio-livro, bilingue e traduzido em braille.

A imagem de Cabo Verde, das suas gentes, música, religião e cultura é transmitida em boa parte pela Celina Pereira. Desde cedo soube entrelaçar a música com estórias e até com cantigas de roda, num trabalho notável musicalmente dirigido pelo genial Paulino Vieira. Cantora de reconhecido mérito, mas também contadora de estórias, o que faz sempre com um enorme prazer, seja nas comunidades emigradas, por vários palcos do mundo, seja no seu *arquipélago das maravilhas!*

A sua música e as suas estórias foram já objecto de vários prémios internacionais. Soube juntar, ao longo da sua carreira, artistas consagrados de vários quadrantes geográficos, especialmente dos falantes do português, uns músicos (como Paulino Vieira, Zé Afonso, Carlos Zel e Martinho da Vila) outros como artistas plásticos (como Cláudia Melloti e Joaquim Chichorro).

Não constituiu surpresa a sua condecoração com o grau de *Comendadora* pelo presidente Jorge Sampaio em 2003 e, em 2007, com a comenda de 1ª Classe da Medalha do Vulcão pelo Presidente Pedro Pires.

É verdadeiramente pioneira e quase única no seu género de expressão artística, de cantar e contar. No seu conto/canto quase tudo tem lugar, procurando coisas perdidas na nossa memória colectiva nas mornas, fado, samba, coladeira, cantigas de roda, cantigas de ninar, colá, contradança, mazurca, galope, funaná, etc, tornando-a numa divulgadora por excelência dos géneros musicais de Cabo Verde.

Gostei muito do que li e ouvi, pela estória propriamente dita, mas muito mais pelo modo como ela me foi contada pela minha amiga Celina.

Lisboa, 24 de março de 2018.

Manuela Jorge Soares de Brito